ESCOLA INDÍGENA POTIGUARA NA PRESERVAÇÃO DOS SABERES ANCESTRAIS

Carina Targino Gomes
Jamilly Vieira Cavalcante
Luciana Calado Deplagne
Marilene Lourenço

Editora do CCTA

Conselho Editorial - Coleção Pós Letras

Alessandra Soares Brandão (UFSC)
Ana Graça Canan (UFRN)
Ana Mafalda Leite (Universidade de Lisboa)
Anco Márcio Tenório Vieira (UFPE)
Anita Martins Rodrigues de Moraes (UFF)
Arnaldo Saraiva (Universidade do Porto)
Brenda Carlos de Andrade (UFRPE)
Gastón A. Alzate (California State University)
Inocência Mata (Universidade de Lisboa)
João Batista Pereira (UFRPE)
José Rodrigues Seabra Filho (USP)
Juliana Luna Freire (UFPB)
Juliana Pasquarelli Perez (USP)
Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)
Maria Nazareth de Lima Arrais (UFCG)
Maurizio Gnerre (Università di Napoli L'orientale)
Maximiliano Torres (UERJ)
Ramayana Lira (UFSC)
Regina Dalcastagnè (UnB)
Saulo Neiva (Université Blaise Pascal - Clermont-Ferrand)
Simone Schmidt (UFSC)
Suzi Frankl Sperber (UNICAMP)
Yuri Jivago Amorim Caribé (UFPE)

Fotos: Marilene Lourenço e equipe pedagógica da escola Naíde Soares da Silva
Diagramação: Luciana Calado Deplagne
Desenhos: Alunos e alunas da escola Naíde Soares da Silva
Logomarca do grupo: Carina Targino Gomes e Jamilly Vieira Cavalcante

FICHA CATALOGRÁFICA

Apresentação

Esta cartilha é uma iniciativa dO projeto de extensão "Chá da tarde no jardim de Hildegarda: saberes ancestrais em debate no NUPPO"(2021), que está vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Documentação da Universidade Federal da Paraíba e ao Grupo Christine de Pizan (CNPq). O principal objetivo do projeto é a valorização dos saberes advindos dos povos originários e das culturas populares acerca das plantas medicinais e o reconhecimento da importância do legado ancestral para a preservação do meio ambiente.

Equipe atuante do projeto:

Luciana Calado Deplagne (Coordenadora)
Bernardina Freire (Vice-coordenadora)
Carina Targino Gomes (Bolsista)
Jamilly Vieira Cavalcante (Bolsista)
marilene lourenço de oliveira (colaboradora)
pajé isaías Marculino Guarapirá Potiguara (colaborador)
mirtes pinheiro (colaboradora)

SUMÁRIO

Objetivo da cartilha 2

Sobre os povos Potiguaras 3

Educação Escolar Indígena:
um sistema educacional diferenciado 4

Algumas definições importantes 6

ensino escolar indígena no
município de bahía da traição 7

Sobre a Língua Tupi 8

educação escolar na aldeia laranjeira 9
- sobre a professora 10
- sobre a escola 11
- Sequência didática sobre artesanato indígena 12
- Sequência didática sobre culinária 15
- Sequência didática sobre ervas medicinais 16

referências bibliográficas 18

OBJETIVO DA CARTILHA

O objetivo da cartilha é apresentar a relevância de uma educação voltada para o respeito à natureza e a preservação do meio ambiente, a partir de práticas pedagógicas que enfatizam os saberes ancestrais dos povos originários, como vem sendo desenvolvidas nas escolas indígenas no Brasil. Para tanto, será mostrado o trabalho pedagógico da professora potiguara Marilene Lourenço, na Escola municipal EMEF Naíde Soares da Silva, situada na Aldeia Laranjeira no município Baía da Traição do Estado Paraíba.

Sobre os povos Potiguaras

"A população Potiguara encontra-se distribuída em terras indígenas localizadas entre os rios Camaratuba e Mamanguape, e seu conjunto de aldeias constituem três Terras Indígenas, abrangendo um total de 33.757 ha. A Terra Indígena Potiguara com uma população superior a 8.100 habitantes, a Terra Indígena Jacaré de São Domingos, com uma população superior a 440 habitantes e a Terra Indígena Monte Mór com uma população superior a 4.440 habitantes." (Medeiros et al: 2020, p.1090)

Toré- ritual sagrado praticado pelos Potiguaras, no qual se dança em círculo, acompanhando o som do maracá, flauta e zabumba. Para o ritual utiliza-se a planta jurema em forma de bebida sagrada

Educação Escolar Indígena: um sistema educacional diferenciado

Fortalecida nas últimas quatro décadas, a luta secular dos povos originários contra o violento e opressor sistema da colonização europeia, vem obtendo algumas conquistas no campo na legislação brasileira, assegurando - pelo menos na Constituição, além de um conjunto de decretos e leis - a proteção do Estado às manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, salvaguardando-as como patrimônio imaterial do país. Para tanto, se fez necessária garantir uma educação escolar aos povos originários, com os seguintes objetivos, de acordo com o artigo 78 da Lei 9.394 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

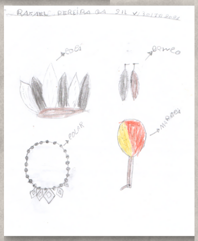
Mais alguns artigos da Constituição de 1988 que regulamentam os direitos dos povos indígenas no Brasil à uma educação diferenciada

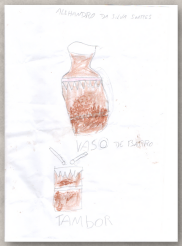
Capítulo III
Seção I - Da Educação
Art. 210. § 2.º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

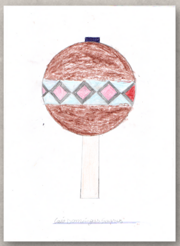
Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.
§ 1.º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Capítulo VIII - Dos Índios
Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

As práticas pedagógicas que vêm sendo aplicadas nas escolas indígenas contribuem para a preservação do "patrimônio cultural imaterial", através do aprendizado das tradições e expressões orais, do ensino da língua indígena de cada etnia, do aprendizado de rituais espirituais, de técnicas artesanais e da prática da medicina tradicional.







Algumas definições importantes

(Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial
Decreto nº 5.753, de 12 de abril de 2006. MISC/2003/CLT/CH/14 – Art. 2)

Patrimônio cultural imaterial

“Entende-se por "patrimônio cultural imaterial" as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável."

Salvaguarda

“Entende-se por "salvaguarda" as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão — essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos."

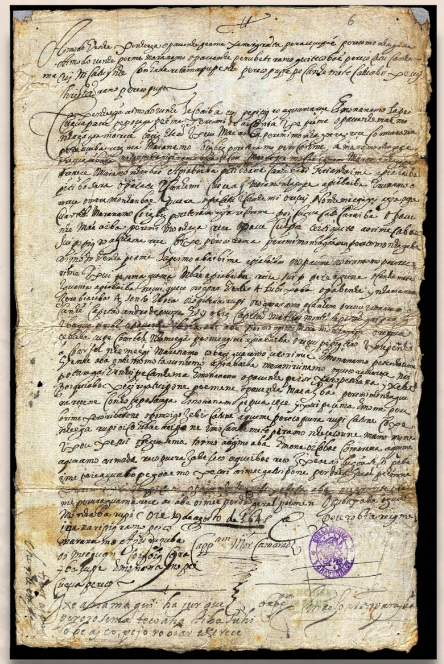
Ensino escolar indígena no município de Bahía da Traição

O município Baía da traição conta com 14 estabelecimentos de ensino com práticas metodológicas voltadas à realidade sócio-cultural dos povos Potigaras, sendo 11 escolas de ensino infantil e fundamental situadas nas aldeias indígenas e 3 escolas na zona urbana, sendo uma creche, uma escola de ensino infantil e fundamental, e uma escola de ensino fundamental e médio.

Por meio das escolas com práticas pedagógicas diferenciadas, o povo Potiguara vem cada vez mais reafirmando sua cultura, com o ensino e valorização de seu artesanato, de seus rituais sagrados, de sua espiritualidade, suas danças e de sua língua (Tupi).

Tupi era a língua falada pelos antigos habitantes potiguaras. A implementação em 2019 do ensino da língua Tupi nas escolas é um importante passo na preservação e reconstrução de sua identidade étnico-cultural, em parte, destruída pelo processo de aculturação imposto nos longos séculos de colonização.

Sobre a Língua Tupi



Carta 1, de Felipe Camarão a Pedro Poti, de 19 de agosto de 1645. Foto: Eduardo Navarro/Arquivo Pessoal

Em 2021, se deu mais um avanço no sentido de divulgação e conhecimento sobre a língua e a história dos povos potiguaras: a tradução para o português de seis cartas escritas em Tupi antigo, único documento escrito por indígenas brasileiras, na época da invasão holandesa (1630-1656).

Pajé Isaías Marculino Guarapirá Potiguara
Professor do ensino básico da língua Tupi no município de Baía da Traição,

Essas cartas, guardadas na biblioteca de Haia, foram transcritas e traduzidas pelo prof. Eduardo Navarro e, de acordo com o Jornal do Campus da USP, no início de 2022, "serão publicadas integralmente no boletim trimestral do museu paraense Emílio Goeldi" (jornaldocampus.usp.br, publicado em 29/12/2021).
O tradutor Eduardo Navarro é professor de Tupi na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, e mantém um site com seu curso, disponível no seguinte endereço: https://tupi.fflch.usp.br/.
Dentre as várias informações por ele divulgadas, aprende-se que Tupi é a língua clássica do Brasil, presente de forma significativa no léxico da língua portuguesa, "além de ter dado contribuições sui generis à literatura e à história de nosso país".

Alguns termos em Tupi: paca, capivara, tatu, jacaré-açu, cotia, perereca, guará, ubá, maniva, taquara, pindoba, pipoca, pirão, pururuca, mandioca, puba, expressões como "ficar com nhenhenhém", "estar jururu", "chorar as pitangas", "ir para a cucuia" etc.

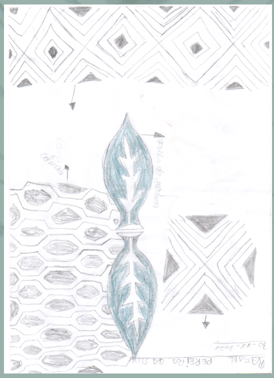
EDUCAÇÃO ESCOLAR NA ALDEIA LARANJEIRA

Sequência didática "Espiritualidade e ancestralidade Potiguara"

Nas páginas que seguem, iremos apresentar uma experiência educativa vivenciada na escola Naíde Soares da Silva, na Aldeia Laranjeira, através de um projeto pedagógico indígena, sob a coordenação da professora Marilene Lourenço de Oliveira, no período de 2018 e 2019, com as turmas do pré-escolar II, primeiro e segundo ano

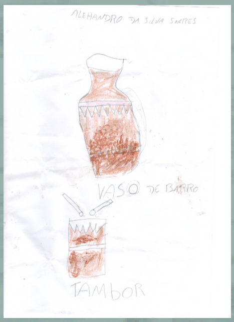
SOBRE A PROFESSORA

A educadora Marilene Lourenço de Oliveira é indígena potiguara (PB), graduada em Pedagogia e possui especialização em Educação Infantil pela Universidade Aberta Vida (UNAVIDA) e especialização em Educação indígena (em curso), pela Faculdade da Região Serrana – Farese. Trabalha na área de educação há 15 anos, em particular contribuindo com a formação da cultura popular indígena na Aldeia Laranjeira. Atualmente faz parte da Coordenação Pedagógica de três Escolas da Rede Municipal, no município Baía da Traição: a escola Naíde Soares, na Aldeia Laranjeira, Escola João Eugênio, na Aldeia Santa Rita e Escola João Bezerra, na Aldeia Tracoeira. A professora é membro da Organização dos Índios Urbanizados da cidade de Baía da Traição (OIU) e faz parte da Associação do Coco, Ciranda e Mazurca da Paraíba, como sub tesoureira (grupo de pesquisa ACAUÃ-UFPB). Também é coordenadora do Grupo Coco de Roda Potiguara Flor de Laranjeira, formado em 2018, e colaboradora no projeto de extensão da UFPB "Chá da tarde no jardim de Hildegarde: saberes ancestrais em debate no NUPPO".



Sobre a escola

A escola municipal EMEF NAIDE SOARES DA SILVA está situada na Aldeia Laranjeiras no município Baía da Traição do Estado Paraíba. A escola atua com ensino infantil e ensino fundamental I . Além de ensino regular, a escola oferece às turmas atividades complementares, como culinária, artesanato, dança, artes plásticas e língua indígena.



Sequência didática sobre artesanato indígena

Nas imagens, observa-se a turma da profª Marilene em pesquisa de campo na mata da região, com o objetivo de colher a madeira pau de jangada e em seguida de aprender o processo de confecção de saias de embira de jangada, utilizadas na vestimenta da dança do toré Potiguara.

"O conceito de "artesanato" aparece internalizado na fala dos potiguaras, referente à cultura material que realizam, vinculada ao cotidiano dos grupos, e compreende variadas técnicas de construção de artefatos usados na pesca artesanal (embarcações, remos, redes, armadilhas para capturar camarões, âncoras), adornos corporais (colares, brincos, pulseiras, pintura corporal e prendedores de cabelo), objetos decorativos e utilitários feitos de cipós, junco e bambus nativos, escamas de peixe, cabaças, madeira e trançados em crochê. " (Bezerra: 2017, p.26)

Conhecendo o processo de fabricação de porta confeccionada com palhas de coqueiro.Participação do ancião da aldeia, Sr. Severo

Sequência didática sobre objetos utilitários (panela de ferro, balaio, peneira, puçá, pilão) utilizados na aldeia, passados de geração em geração. Participação das anciãs da Aldeia Laranjeira, D.Lídia, D.Caima e D. Mariinha

Sequência didática sobre culinária

Através desta sequência didática, os/as alunos/as puderam aprender sobre comidas típicas e sobre a importância de alguns alimentos de base na culinária indígena, como o milho, a mandioca e o côco.

Após a vivência de pôr em prática as receitas de cocada e de milho cozido, é hora da degustação!

Sequência didática sobre ervas medicinais

Após rodas de conversa com anciãs da aldeia sobre os benefícios e propriedades de plantas medicinais e de participarem do processo de feitura de um lambedor com folha de pição para cura de AVC, com a raizeira D. Mariinha, os/alunos/as foram convidados/as a trazer de casa alguma planta medicinal e compartilhar com os/as colegas uma receita utilizada por sua família.

A pesquisa de campo sobre ervas medicinais coordenada pela profª Marilene Lourenço na escola Naíde Soares da Silva foi destaque na Semana Pedagógica do município da Baía da Traição, em 2019. Seu trabalho de valorização, preservação e divulgação da cultura Potiguara e das manifestações da cultura popular, vem sendo reconhecido no seu município e para além dele.

Nos últimos anos, intensificaram-se os convites para palestras online, ministração de cursos em escolas e apresentações em centros culturais através do Grupo Coco de Roda Potiguara Flor de Laranjeira.

Referências bibliográficas

BARCELLOS, Lusival. (2012) Práticas educativo-religiosas dos índios Potiguara da Paraíba. João Pessoa: Editora da UFPB.

BATISTA, Maria Nilda Faustina et al. Medicina tradicional Potiguara [livro eletrônico] 1. ed. Paulo Afonso, BA : Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH, 2021.

BEZERRA, Nilton Xavier (org.) Artesanato Potiguara: Catu dos Eleotérios e Sagi Trabanda ; revisão Gracielle Cristine Farias Moura; projeto gráfico, diagramação e capa Hanna Andreza Fernandes Sobral; revisão linguística Maria Clara Lucena Lemos. — Natal: IFRN, 2017

MEDEIROS, Nilma et ali. O sagrado indígena Tabajara e Potiguara: uma compreensão primeira do saber ambiental em território paraibano. In: Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade (2020): 7(17): 1087-1100.

POTIGUARA, Eliane. Metade Cara, Metade Máscara. Rio de Janeiro: GRUMIN Edições, 2004.

Referências legislativas:
BRASIL. (1988) Constituição da República Federativa do Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Brasília.

BRASIL. (1996) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Presidência da República.
Casa Civil. MEC: Brasília.

BRASIL. (1999) Resolução CEB n. 03, de 10 de novembro de 1999. Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígena e dá outras providências. MEC: Brasília.

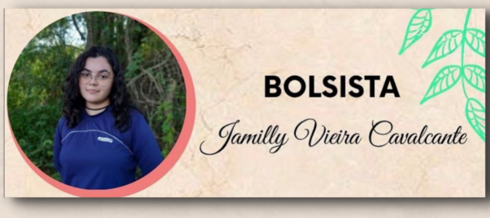
BRASIL. (2001) Plano Nacional de Educação (Lei n. 10.172, de 09 de janeiro de 2001). Presidência da República. Casa Civil. MEC:
Brasília.

BRASIL. (2008) Caderno "Diretrizes Gerais para o Plano Nacional de Cultura". Brasília, agosto de 2008. Disponível em: http://pnc.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/05/Plano-Nacional-de-Cultura-Diretrizes.pdf

BRASIL. (2012) Plano Setorial para as Culturas Indígenas/ MinC/ SCC - Brasília, 2012. Disponível em: http://pnc.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/16/2012/10/plano_setorial_culturas_indigenas-versao-impressa.pdf

BRASIL. (2006) Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Decreto Nº 5.753, de 12 de abril de 2006. MISC/2003/CLT/CH/14 — Art. 2

Organizadoras



Agradecimentos

Gestora da escola Naíde Soares da Silva

PROFª CRISTINA FERREIRA DA SILVA

Alunas e alunos que atuaram no projeto didático na Escola Naíde Soares da Silva

ALEHANDRO SOARES DA SILVA
ALANA PEREIRA DA SILVA
CAIO DOMINGOS DA SOARES
CRÍSCIA DO CARMO DA SILVA
DANIELA DA SILVA DONATO
FRANCISCO FERREIRA DA SILVA
GABRIEL SOARES DA SILVA
JURACEMA BERNARDO DOS SANTOS
RAFAEL PEREIRA DA SILVA
RENON PEREIRA DA SILVA
THOMAS JEFFERSON DA SILVA SOARES
KAUÃ DA SILVA FERREIRA

Anciães que participaram do projeto

SEVERINO BARBOSA DA SILVA (conhecido como Sr. SEVERO) - Artesão
MARIA BARBOSA DA SILVA (conhecida como DONA MARIINHA) Mestra e raizeira
MARIA DO CARMO LOURENÇO (conhecida como DONA CAIMA) Mestra e raizeira
LIDIA LINA DA CONCEIÇÃO (conhecida como DONA LÍDIA). Raizeira

CONTATOS DO PROJETO

WWW.UFPB.BR/NUPPO
@JARDIMHILDEGARDAUFPB
@MARILENE.LOURENCO.395

O segredo das mulheres

À amada Tia Severina, índia Potyguara, grande anciã guerreira que muito me incentivou e me amou com a força da mulher indígena.

No passado, nossas avós falavam forte
Elas também lutavam
Aí, chegou o homem branco mau
Matador de índio
E fez nossa avó calar
E nosso pai e nosso avô abaixarem a cabeça.
Um dia eles entenderam
Que deviam se unir e ficar fortes
E a partir daí eles lutaram
Para defender sua terra e cultura.
Durante séculos
As avós e mães esconderam a barriga
As histórias, as músicas, as crianças,
As tradições da casa,
O sentimento da terra onde nasceram,
As histórias dos velhos
Que se reuniram pra fumar cachimbo.
Foi o maior segredo das avós e das mães.
Os homens, ao saberem do segredo,
Ficaram mais fortes para o amor, lutaram
E protegeram as mulheres.
Por isso, homens e mulheres juntos
São fortes
E fazem seus filhos fortes
Para defenderem o segredo das mulheres.
Para que nunca mais aquele homem branco
Mate a história do índio!

Eliane Potiguara.

Jardim de Hildegarda